

CORREIO NO MUNDO

U.S. Navy/ MC3 Clint Davis



USS Abraham Lincoln carrega temidos mísseis Tomahawk

EUA mobilizam porta-aviões para manter pressão sobre o Irã

O Pentágono mobilizou dois grupos de porta-aviões para manter a pressão sobre o Irã, apesar de o presidente Trump ter baixado a expectativa de um ataque americano contra a teocracia devido à repressão aos protestos que chacoalham o país do Oriente Médio desde o fim de 2025. Não há confirmações oficiais sobre as missões dos grupos centrados no USS Abraham Lincoln e no USS George H. W. Bush, apenas relatos múltiplos de autoridades sob anonimato e imagens de satélite. O que se sabe é que ambos deixaram suas áreas e rumam na direção de posições de ataque ao Irã. No caso do Lincoln, ele e sua escolta com três destróieres e um submarino de propulsão nuclear começaram a se mover a oeste do mar do Sul da China, onde operavam.

Mísseis de cruzeiro Tomahawk

Imagens de satélite mostram o momento da manobra de virada rumo ao mar da Arábia do gigantesco navio de propulsão nuclear. Ele carrega mais de 5.000 tripulantes, incluindo os aviadores que operam o caça de quinta geração F-35 Lightning 2 em sua versão naval, a C, e o usual F/A-18 Super Hornet, que é padrão deste tipo de embarcação americana. Sua escolta carrega grande poder de fogo, incluindo mísseis de cruzeiro Tomahawk, a arma preferida para ataques.

U.S. Navy / MC1 Demetrius L. Patton



USS George H. W. Bush deixou o porto repentinamente

Bush deixou o porto sem aviso prévio

O navio pode chegar à área de ação em uma ou duas semanas. Já o Bush estava em seu porto em Norfolk, na costa leste americana, e o deixou sem aviso prévio na terça-feira (13). Ao mesmo tempo, o USS Theodore Roosevelt deixou sua base em San Diego, para cobrir a falta do Lincoln no teatro do Pacífico. O Bush está no Atlântico Norte neste momento. Ele usualmente opera no Mediterrâneo, e a porção leste daquele mar é a área de ataque para qualquer ação contra o Irã: um grupo de porta-aviões fica por lá e outro, ao sul do Golfo Pérsico.

Por ora, é só um 'treinamento'

O Bush pode apenas ficar em treinamento no oceano. Se rumar direto à costa de Israel, deve chegar em talvez duas semanas ou menos. A movimentação pode ser apenas um reforço de precaução. Quando os sinais de que Trump atacaria começaram, havia um problema para as Forças Armadas dos EUA: nenhum porta-aviões estava presente.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Cidadania

A Itália aprovou nesta semana um projeto que retira dos consulados que representam o país no exterior a função de receber e analisar pedidos de reconhecimento da cidadania por direito de sangue. O texto prevê que, a partir de 2029, as solicitações serão concentradas em Roma, no Ministério das Relações Exteriores.

Texto aprovado

Apresentado pelo governo italiano, com os nomes da primeira-ministra Giorgia Meloni e do vice-premiê Antonio Tajani, o texto foi aprovado no Senado, na última quarta-feira (14), com 76 votos a favor, e 55 contrários. Antes, em outubro de 2025, já havia sido chancelado na Câmara dos Deputados.

Documentação

A documentação exigida para comprovar o direito à cidadania deverá ser enviada à Itália em papel, pelo correio. Os custos serão pagos pelo autor do pedido. Atualmente, quem mora fora pode apresentar o pedido e entregar a documentação nos consulados, que realiza a análise. A Itália tem 83 escritórios consulares pelo mundo.

Escritórios no Brasil

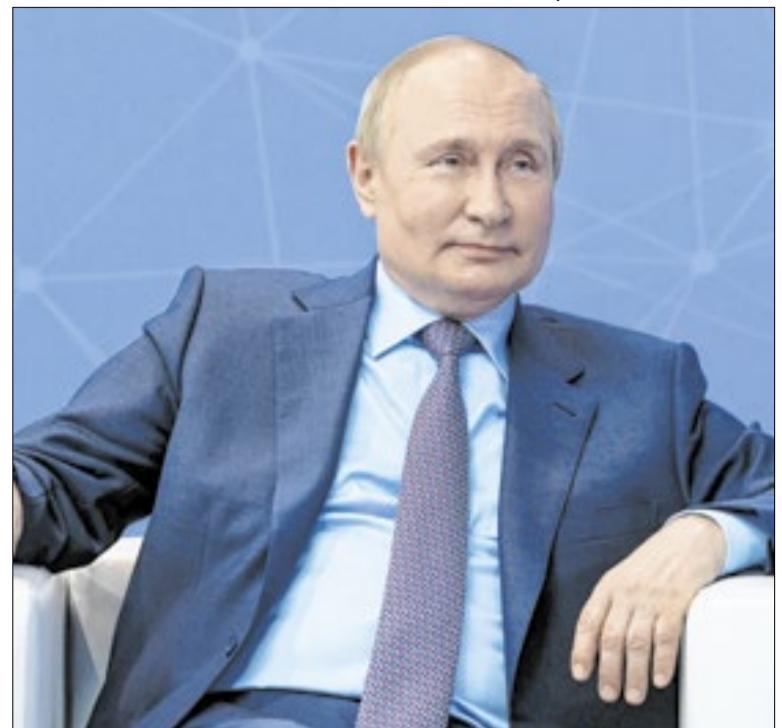
Deles, sete são no Brasil - Brasília, São Paulo, Rio, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e Recife. Todos os pedidos que hoje são gerenciados por essas repartições passarão a ser concentrados em um único escritório, em Roma. Outra mudança é a ampliação do prazo para a conclusão do procedimento, que sobe oficialmente de dois para três anos.

Descendentes

Na prática, alguns consulados, como o de São Paulo, chegam a ter pedidos que ficam na fila de espera por mais de dez anos. No Brasil, existem mais de 870 mil cidadãos italianos residentes, como expatriados ou com dupla cidadania, sendo que 96% nasceram fora da Itália. Estima-se que os descendentes sejam mais de 30 milhões.

Outros tipos

A justificativa para a nova lei é diminuir o volume de procedimentos que tramitam nos consulados, que nos últimos anos viram aumentar o interesse de descendentes pela cidadania, especialmente no Brasil e na Argentina. O projeto não altera outros tipos de pedidos de cidadania, como por casamento ou para filhos menores de idade.



Conflito na Ucrânia já dura mais que 2ª Guerra para a Rússia

Rússia supera tempo da Segunda Guerra Mundial

Para a Rússia, guerra na Ucrânia já dura mais que a Segunda Guerra

Por Igor Gielow (Folhapress)

A Guerra da Ucrânia completou 1.419 dias na última segunda-feira (13), faltando pouco mais de um mês para chegar à marca dos quatro anos de duração. A data esconde uma efeméride: foram ultrapassados os 1.418 dias de duração da Segunda Guerra Mundial para a Rússia.

Por motivos óbvios, ninguém comentou o assunto no governo de Vladimir Putin, que desde a invasão de 24 de fevereiro de 2022 tenta imprimir a memória do conflito global na tomada decisória atual, equivalendo o governo de Volodimir Zelenski aos nazistas de Adolf Hitler.

Os ucranianos dão sua ajuda à propaganda, louvando figuras históricas associadas ao nazifascismo e integrando unidades militares de inspiração neonazista, como o famoso Batalhão Azov. Mas sobre a comparação temporal não se ouvirá nada.

Ela ajuda a desconstruir um mito criado pela vitória dos soviéticos em 1945, quando esmagaram as forças alemãs que haviam invadido brutalmente o país em 22 de junho de 1941: o da invencibilidade da máquina militar do maior país do mundo.

De forma evidente, fala-se aqui de capacidades convencionais. A Rússia tem o maior arsenal nuclear do mundo e meios avançados para empregá-lo. Mas o temor do apocalipse quase

inevitável de uma escalada do tipo manteve Putin afastado do proverbial botão -assim como os Estados Unidos, França e Reino Unido, seus rivais imediatos.

A visão da Rússia invencível foi forjada pelos fatos e pela propaganda.

Sempre que pode, Putin apresenta o arranjo com uma resposta inevitável ao Acordo de Munique de 1938, quando os Aliados acharam ter apaziguado Hitler ao ceder partes alemãs étnicas da Tchecoslováquia -algo que assombra Zelenski nas negociações hoje mediadas por Donald Trump.

Antes do conflito, Putin controlava pouco mais de 7% da Ucrânia, entre terras da Crimeia e no leste, essas por procuração para separatistas. No auge da ocupação, subiu isso para 26%, e agora tem quase 20%.

Seus ganhos têm sido crescentes, e 2025 viu o maior bocado de terra conquistado pelos russos desde 2022, mas ele somou 1% do território rival. A comparação com o passado empalidece ainda mais a visão. Evidentemente, ela é só retórica. A guerra de 1941 foi um conflito total, com mobilização de recursos infundáveis e escala global; agora Putin ainda fala em operação militar limitada.

Que possa sair dela com um bom naco da Ucrânia será apresentado como vitória e pode haver avanços mais significativos, mas a vitória rápida nunca veio.